

TRANSCRIÇÃO

ANA MARIA DE JESUS

Entrevistadora: Qual a memória que a senhora tem da Terra Indígena Vanuíre?

Ana Maria: Nasci aqui. Nasci em tempo de jabuticaba. Quando mamãe foi comer jabuticaba ela sentiu a dor, veio embora. Nós morava lá pra baixo. Tinha rio, tinha mina. Lá ainda tem mina nossa ainda, lá onde que eu morava, lá embaixo. Tomava banho no *ngoio mbâk* (rio). Aqui tudo era mato. Ah, aqui era tudo mato, depois que foi indo, foi indo, abriu esse Vanuíre tudo. Tudo. Tudo, era tudo mato. Tinha *thópré* (onça).

Entrevistadora: Como eram as casas?

Ana Maria: Era de coqueiro, casa de coqueiro. Antigamente era casa de coqueiro. Os homens que gosta de... o veio ajudava a fazer casa... sapé.

Entrevistadora: Qual era o nome da mãe da senhora?

Ana Maria: Maria. Agora nome mesmo, nome mesmo, Maria Mulata. Maria Mulata.

Entrevistadora: Quais as lembranças da senhora sobre a cerâmica e alimentação Kaingang?

Ana Maria: Panelão desse tamanho. Elas ia no mato, fazia fogueira, assava, ponhava fogo, fazia bastante brasa, queimava a panela pra não quebrar e saia perfeitinho e daí ia cozinhar qualquer coisa na panela. *Kukrõ* (panela) era desse tamanho. *Pétky* (prato/vasilha rasa/gamela rasa). Feito de *kukrõ* (panela). É barro preto que índio cavuca, acha terra, barro preto, é esse aqui ó. Queima ele, faz fogo, queima ele. Joga, joga brasa dentro e esse aqui vai pro fogo. Ele ponha a brasa aqui dentro e outra brasa vem aqui pra assar.

Depois de pronto? Vai comer *lengró* (feijão), vai comer *lengró* (feijão) com *iamĩ* (bolo de milho). *Kóioro* (anta), *krâk* (porco). Quem fazia era mãe da finada Ena [Candire], mamãe. Mamãe fazia *kukrõ* (panela) desse tamanho ó. E a tia minha, ela fazia. Parané. Parané era cunhada. O marido da Parané... é irmão da mamãe. As veia que fazia *kukrõ* (panela). Fazia *kukrõ* (panela) desse tamanho. Aí mata *kóioro* (anta), mata anta, cozinha dentro com *iamĩ* (bolo de milho). A comida? Mamãe torrava milho, socava, ponhava na água quente daí nós bebia. *Pentfurõ* (mingau de milho). Bebia *pentfurõ* (mingau de milho). Torrava milho, socava, esquentava a água, fazia igual mingau. Aí nós bebia. Torra ele, depois, depois soca no pilão, depois esquentava água. Vamo fazer *pentfurõ* (mingau de milho). Aí depois quem quer beber com doce, bebe com doce. *Pentfurõ* (mingau de milho), é milho preto. A gente torra, depois soca, depois esquentava a água, vamo fazer. Fazia *iamĩ* (bolo de milho), socado de pilão. Fazia *iamĩ* (bolo de milho), dois mulher socando junto. *Iamĩ, iamĩ. Iamĩ* (bolo de milho) de Kaingang. Batia, tampava com folha de imbé, ponhava no fogo, ia assar, mandava brasa. *Iamĩ* (bolo de milho) também é de milho preto. Coloca água, vai mexendo, igual... amassa ele, depois ponha ele num, na panela pra ele azedar. Depois que azedou, come. *Kofâra* (peixe), cozinha. Ah, não tempera. Ponha na água quente e pronto. Só cozinha, esquentava a água, fervendo e joga peixe dentro. Vai por na água fria ele desmancha tudo. Macaco, quati, quati, cotia. Sapecava no fogo. Gostoso. Cozido gostoso com *iamĩ* (bolo de milho). Sapecava, abria e jogava a tripa e depois picava, cozinhava. Depois do caldo dele, é igual a gente mesmo fazia, socava milho, fazia aquele sopa. Vixe, comia bastante. *Ngoio* (água) depois, bebe *ngoio* (água).

Entrevistadora: Qual o nome do pai da senhora e quais as lembranças sobre ele?

Ana Maria: Joaquim. Era Kaingang. Papai, papai era índio trabalhador. Papai trabalhava bastante. Papai trabalhava na roça. Trabalhava com os outros, bater amendoim, cortar arroz. Papai trabalhava, trabalhava mesmo. Ah, ia tudo fazer roça, plantar milho bugre pra fazer *iamĩ* (bolo de milho). Ah, meu papai veio lá de Promissão. Papai não era daqui não, papai era de Promissão. Ele contava pra nós "Eu vim de Promissão". É, papai veio de Promissão. Acho

que é encarregado né que trouxe ele pra cá. Ele falou: "Eu vim, eles me trouxeram eu pra cá". Ah por causa que era puro Kaingang.

Entrevistadora: Quais os nomes dos irmãos da senhora?

Ana Maria: Antônio. E outro é, e o outro é irmão é o Augusto. E o outro é José, Chelé, nós trata ele de Chelé. Era três irmão.

Entrevistadora: E vocês conversavam na linguagem Kaingang?

Ana Maria: Nós conversava puro índio. Nós não conversava brasileiro não, nós conversava só puro índio, só nossa linguagem. Só Kaingang. Aprendi língua de Kaingang. Só tudo Kaingang. Conversa tudo Kaingang. Eles tudo conversa índio, pequeno, tudo conversa índio. Não conversava brasileira não, conversava nossa linguagem. Conversava tudo nossa linguagem.

Entrevistadora: A senhora aprendeu a fazer o kuru-kuthá (coberta)? A mãe da senhora fazia?

Ana Maria: *Kuru-kuthá* (coberta) eu nunca fiz, nem aprendi. Mamãe não. Mas a tia fazia. Tia Parané. *Kuru-kuthá* (coberta) é feito de... daquele abacaxi... O caraguatá, trança, vai fazendo igual crochê, faz a corda e faz *kuru-kuthá* (coberta). Tira, bate, lava, depois ponha pra estender um pouco, depois faz aqueles... bastante, depois vai fazendo *kuru-kuthá* (coberta). Seca... depois faz aquele cordonzada, depois aí vai emenda, fazer *kuru-kuthá* (coberta).

Mahâ tin tin! (Muito obrigada)!

Mahâ tin tin! (Muito obrigada)!

Mahâ tin tin! (Muito obrigada)!